



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO” – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROBERTO DA SILVA RIBEIRO JÚNIOR

**O TEXTO POÉTICO COMO MOTIVADOR DE LEITURAS E NOVAS
PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

**GUARABIRA-PB
2014**

ROBERTO DA SILVA RIBEIRO JÚNIOR

**O TEXTO POÉTICO COMO MOTIVADOR DE LEITURAS E NOVAS
PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras-Português, da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Licenciado em Letras, Habilitação em Português.

Orientadora: Prof^a. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima.

**GUARABIRA – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

R484t Ribeiro Júnior, Roberto da Silva

O texto poético como motivador de leituras e novas produções textuais no ensino fundamental [manuscrito] : / Roberto da Silva Ribeiro Junior. - 2014.

33 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Profa. Mestre Luana Anastácia Santos de Lima., Departamento de Licenciatura Plena em Letras".

Texto poético. Leitura e Escrita. Ensino Fundamental. I.
Título.

21. ed. CDD 372.64

ROBERTO DA SILVA RIBEIRO JÚNIOR

**O TEXTO POÉTICO COMO MOTIVADOR DE LEITURAS E NOVAS
PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Graduação em Letras-Português, da
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Licenciado em Letras, Habilitação em
Português.

Aprovado em 16 de julho de 2014.

COMISSÃO EXAMINADORA

Luana Anastácia Santos de Lima
Profª. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima / UEPB

Luiz Henrique Santos de Andrade
Prof. Ms. Luiz Henrique Santos de Andrade / UEPB

Verônica Santos de Lima
Profª. Esp. Verônica Santos de Lima / UEPB

GUARABIRA – PB

2014

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida, pela sabedoria de Sua criação - minha maior fonte de inspiração e aprendizagem.

A meus pais, por se constituírem nos melhores mestres que tive, ao empenharem seu exemplo de moral e luta, tão importante na formação do caráter do ser que sou.

À minha irmã, pela cumplicidade de todos os dias, expressada através de seu amor e carinho.

Ao amigo Valdemir Alves, por ser companheiro em “todos” os momentos e o um dos maiores torcedores que tenho na arquibancada de minha vida.

À Pollyana, pela constante “irmandade”, pelos incentivos e por ser um testemunho de que as almas realmente se irmanam por afinidades.

À amiga Andréa Marques, que se tornou uma importante base de apoio, com quem sempre compartilho meus ideais.

À querida Thayane Macena, parceira do PIBID, com quem muito aprendi e hoje, ainda compartilhamos juntos as mesmas recordações e uma amizade verdadeira que nos uniu.

À Escola John Kennedy, por oferecer-me ambiente favorável às minhas pesquisas e fundamentação para a conclusão de muitas das obras de minha vida acadêmica, dentre elas, este trabalho.

À professora da Escola John Kennedy, Elciane Paulino, por dividir comigo o espaço de sua sala de aula, bem como os frutos de suas experimentações e suas valiosas compreensões.

Aos colegas de curso, que, em muito, souberam ser, também, amigos, pela constante demonstração de socialização do conhecimento e por tornarem as minhas tardes mais alegres e cheias de aprendizados.

À minha coordenadora, Silvania Araújo, que tanto me ajudou nessa reta final, e me propiciou uma grande evolução profissional.

À professora orientadora Luana Lima, tão amável e gentil, pelo acolhimento, apoio, acompanhamento e orientação no decorrer do trabalho.

Agradeço a todos vocês, por me darem confiança, por me entender, apoiar e ser uma "família" enquanto juntos. Espero contar com todos vocês, ainda! E saibam que estarei disponível, caso precisem de mim. Recebam o meu mais forte abraço!

O TEXTO POÉTICO COMO MOTIVADOR DE LEITURAS E NOVAS PRODUÇÕES TEXTUAIS NO ENSINO FUNDAMENTAL

RIBEIRO JÚNIOR, Roberto da Silva

RESUMO

O trabalho ora apresentado se trata de um estudo de caso desenvolvido numa escola pública do município de Guarabira-PB. Considerando a importância do uso dos gêneros textuais, sua diversidade e morfologia, elegemos para objeto de nosso estudo o uso do gênero poético nas aulas de língua portuguesa nas turmas do Ensino Fundamental. Com base nisso, nosso objetivo é despertar, por meio de atividades textuais lúdicas e textos poéticos, o interesse dos alunos do ensino fundamental pela leitura e escrita de textos, uma vez que tais fatores constituem-se como o centro das práticas educativas em nossa cultura escolar, transformando-se em verdadeiros instrumentos para a promoção do aluno ou para legitimar o seu fracasso. Utilizando textos, imagens e desenhos, foram produzidos textos que levantaram discussões sobre a relevância desse tipo de estudo. Como recurso teórico, utilizamos os estudos de vários autores, tais como Bazerman (2007), Antunes (2003), Banberger (1986), Elias (2003), Smith (1989), entre outros. Diante da pesquisa realizada, chegamos à conclusão de que o uso do texto poético, como elemento motivador para o desenvolvimento da leitura e na escrita no ensino fundamental, foi satisfatório devido à grande receptividade das atividades por parte dos alunos, visto que ao longo das demonstrações dos textos, atividades, dinâmicas referente ao assunto e a conclusão da atividade, os mesmos demonstraram interesse pela leitura e a escrita apresentada por outro colega solicitando a troca das respectivas obras, partilhando impressões de leitura.

PALAVRAS-CHAVE: Texto poético. Leitura e Escrita. Ensino Fundamental.

Abstract: The work presented here is a study case developed in a public school in the Guarabira-PB city. Considering the importance of the use of textual genres, their variety and morphology, we choose as our study object, the use of the poetic genre in the classes of Portuguese language in the classrooms in the Basic Education. Based on this, our goal is to awaken, through entertaining textual activities and poetic texts, the interest of elementary students in reading and writing texts, since these factors constitute themselves as the center of educational practices in our school culture, turning into true instruments for the promotion of the students or to legitimize their failure. Using text, images and drawings, were produced some texts that have raised discussions about the relevance of this type of study. As a theoretical application, we used the studies of several authors, such as Bazerman (2007), Antunes (2003), Banberger (1986), Elias (2003), Smith (1989), among others. Before the survey, we concluded that the use of the poetic text, as a motivator element for

the development of reading and writing in the Basic Education, it was satisfactory due to the great activities response by the students, since over the texts statements, activities, dynamics related to the subject and the acticity conclusion, they showed interest in reading and writing by another colleague requesting the exchange of their works, sharing impressions of reading. seen that over the texts statements.

KEY WORDS: POETIC TEXT. READING AND WRITING. ELEMENTARY EDUCATION.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo integra o subprojeto de Língua Portuguesa (LP) PIBID/UEPB/CH, que visa conhecer os problemas referentes ao ensino de LP e incentivar a adoção de práticas que ajudem a melhorar o ensino de língua portuguesa na escola pública. Ler e escrever, tarefas básicas propostas pela escola, é um dos problemas que precisa do apoio de novas contribuições. Os processos de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita não constituem uma tarefa fácil na sala de aula. São práticas que, muitas vezes, acabam por cair na rotina, por falta de dinamismo e metodologias mais próximas à realidade dos alunos, o que os leva, às vezes, a se afastarem da construção desses projetos, dificultando a formação de novos leitores e produtores de textos.

O presente artigo tem como objetivo geral, verificar de que forma as atividades textuais lúdicas e textos poéticos despertam o interesse dos alunos do ensino fundamental pela leitura e escrita de textos, uma vez que tais fatores constituem-se como o centro das práticas educativas em nossa cultura escolar, transformando-se em verdadeiros instrumentos para a promoção do aluno.

Sabemos, no entanto, que, em uma sociedade letrada, em que a escrita se constituiu um fator de interação entre os sujeitos, e a leitura uma forma eficaz de entendimento do mundo, é importante que as instituições acadêmicas, desde a educação infantil, percebam que esses instrumentos podem ser utilizados no espaço escolar não como elementos de repressão, mas como forma de garantir um desenvolvimento sociocultural e cognitivo do sujeito aprendiz (BAZERMAN, 2007).

Assim, a escola, como agente mediadora das práticas letradas entre o sujeito e o meio social, deve instaurar novas funções e estabelecer relações entre o conhecimento e a vida cotidiana do aprendiz, já que os gêneros textuais foram

criados para suprir a necessidade de identificar o texto em todas as suas formas. O ambiente escolar é o lugar mais propício para que se conheçam as variedades textuais e os diversos gêneros existentes, pois, é neste ambiente, que o aluno se torna produtor e receptor de textos, devendo reconhecê-los e identificá-los, corretamente.

Para Marcuschi (2003), os gêneros textuais são fenômenos históricos profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades do dia a dia. São entidades sócio discursivas e formas de ação social incontáveis em qualquer situação comunicativa.

Partindo desse pressuposto, buscamos destacar, também, a importância da vivência poética para os alunos, bem como a especial relevância do trabalho com a poesia na escola, tendo em vista a formação do leitor crítico, atuante, construtor de múltiplos significados.

Neste sentido, teremos a leitura compreendida como experiência plurissignificativa, a qual tem a escola como espaço privilegiado de veiculação desta experiência. No que se refere à formação integral do leitor, ressalta-se a necessidade do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, enfatizando seus usos e funções sociais.

A partir deste contexto, vimos a importância de enfatizar o uso do texto poético na sala de aula, pois a poesia é destacada pelas múltiplas possibilidades que oferece, por perpassar vários gêneros, por trabalhar a subjetividade. No entanto, faz-se necessário refletir sobre como a poesia tem sido abordada em sala de aula, se tem contribuído realmente para a elevação do indivíduo, ou se tem sido vítima das armadilhas pedagógicas tão comuns à prática escolar.

Para tanto, estudiosos da área como Antunes (2003), Geraldi (1993), entre outros autores, bem como os documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), serão a nossa base teórica para as análises e reflexões aqui contidas, tendo em vista que os mesmos colaboraram com a temática explorada nesta pesquisa.

Na primeira parte deste trabalho, abordaremos questões sobre leitura e a escrita na sala. Em seguida, será focada a importância do texto poético na sala de

aula. A seguir, discorreremos sobre a poesia (poema) como instrumento de motivação na sala de aula.

Na parte seguinte, será apresentado o percurso metodológico, mostrando a execução da pesquisa, explicitando os sujeitos da mesma e os instrumentos adotados.

Na terceira parte, serão analisados os resultados, discutindo os dados obtidos por meio da pesquisa.

Por fim, serão tecidas as considerações finais, ressaltando os pontos importantes no decorrer da pesquisa, as referências bibliográficas e os anexos.

Em se tratando de um estudo de caso, foi necessário ir a campo - Escola Estadual de Ensino Fundamental “John Kennedy”, localizada na cidade de Guarabira – PB, onde foram realizadas a observação e a regência de 5 aulas no 6º ano. O gênero escolhido foi o poema, selecionados por nós: “Convite”, de José Paulo Paes, e “Cidadezinha Qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade.

Foi realizada uma pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, em que fez-se necessárias leituras sobre a produção de novos textos, a partir das imagens criadas nos poemas. Por isso, também, destacamos alguns subsídios teóricos em Antunes (2003), Geraldi (1993), entre outros autores, bem como nos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais (2000).

Com base na aplicabilidade dos instrumentos utilizados (textos, imagens, desenhos, produção textual), evidenciou-se a necessidade de oferecer uma metodologia que promovesse a socialização da aprendizagem, redesenhando as aulas de língua portuguesa e o espaço da sala de aula, de forma criativa e inovadora, para que atendessem às demandas necessárias para uma aprendizagem mais significativa, bem como propor estratégias capazes de aguçar a sensibilidade da criança e do adolescente para a poesia.

2 A LEITURA E A ESCRITA NA ESCOLA

Os processos de ensino e aprendizagem de leitura e escrita é uma tarefa básica da escola, mas nem sempre vemos essas práticas apresentarem resultados

satisfatórios. Muitos alunos, apesar da permanência nas escolas, não conseguem ler e escrever, ou não encontram motivação para desenvolver essas atividades na sala de aula. Muitos são os problemas e as propostas, no tocante à aprendizagem da leitura e da escrita, apesar dos muitos estudos foram produzidos, a exemplo de Lajolo (1998), Antunes (2003), Geraldi (1993), os PCNs (1998) entre outros. No entanto, as dificuldades continuam.

Para Antunes (2003, p.27), dentre as atividades referentes à leitura podem ser encontradas “uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente”. Hoje, o aluno parece não ter mais o interesse de ler e interpretar aquilo que está sendo lido, muitas vezes, ler só por um ato de obrigação e não por um ato de prazer, e isso tem prejudicado bastante, não só a ação de se expressar oralmente, mas tem prejudicado, principalmente, a forma de escrever, na qual, não escrevem com coesão, nem tampouco com coerência, sendo assim, prejudicados em massa.

A leitura, compreendida como experiência plurissignificativa, tem a escola como espaço privilegiado de veiculação desta experiência. No que se refere à formação integral do leitor, ressalta-se a necessidade e a importância do trabalho com os gêneros textuais em sala de aula, enfatizando seus usos e funções sociais.

No que diz respeito à escrita, Antunes (2003) afirma que ainda se pode constatar:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em exercícios de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases... Nessa linguagem vazia, os princípios básicos da textualidade são violados, porque o que se diz é reduzido a uma seqüência de frases desligadas uma das outras, sem qualquer perspectiva de ordem ou de progressão [...] (ANTUNES, 2003, p.26).

Escrita essa, que prejudica a atuação do aluno tanto no meio social, quanto na sala de aula. E o que se tem nas escolas, de um modo geral, é o fracasso e a dificuldade dos alunos para a elaboração de textos, quer sejam grandes, quer sejam pequenos, e para a apresentação de suas ideias através da língua escrita.

Segundo Geraldi (1993, p. 135), a produção de textos é compreendida “como ponto de partida de todo o processo de ensino/aprendizagem da língua, pois é no texto que a língua se revela em sua totalidade”. Assim, temos a produção textual como uma das atividades que estima o desempenho do indivíduo na sociedade, uma vez que é por meio de pronunciados escritos que o sujeito pode interagir em seu recinto social, apresentar seu posicionamento e atuar sobre o mundo.

Como se percebe, os processos que compõem o ensinar e o aprender da leitura e da escrita não são tarefas fáceis na sala de aula, já que essas práticas, muitas vezes, acabam sendo desenvolvidas de forma “rotineira” e sem o devido preparo fazendo com que o indivíduo leitor-escritor não tenha estímulo algum para melhorar tais competências. Faz-se necessário, então, propostas que busquem explorar o potencial de ludicidade e subjetividade que determinados gêneros textuais podem oferecer, como o poema, por exemplo, para exercitar a leitura e a produção de mesmos ou outros gêneros.

No final da década de 1990, houve a divulgação e a implementação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) pelo MEC, sendo evidenciado o estudo dos gêneros discursivos, os quais, de acordo com a proposta dos PCNs, seriam úteis para o enriquecimento das atividades comunicativas na sala de aula e fora dela, ou seja, para auxiliar a prática social da leitura e da escrita.

O aluno é formado em suas interações nos diversos espaços sociais e a escola exerce um papel preponderante de intervenção, nesse processo, ao desenvolver as competências comunicativas. Sobretudo, torna-se necessário o reconhecimento dos gêneros textuais, uma vez que eles são praticados a todo o momento e permeiam as diversas situações sócio-comunicativas. Na introdução do livro “Gêneros textuais, tipificação e interação”, Charles Bazerman (2007) fala sobre o estudo indispensável dos gêneros textuais, afirmando que:

(...) os alunos, ao terminarem seus estudos, precisam estar aptos a produzir muitas e diferentes formas da escrita. Embora todas as formas da escrita que os alunos poderiam precisar sejam impossíveis de antecipar, os alunos precisam de habilidade e flexibilidade suficientes para se adaptar às situações variantes da escrita (BAZERMAN, 2007, p.16).

A crescente tecnologia traz uma infinidade de categorias textuais, reformulando as já existentes ou criando novas, que vão se transformando e se adequando aos outros modos de escrita e de leitura. Esse movimento difere das formas e funções de comunicação restritas presentes nos livros didáticos.

Desta forma, devemos considerar que os gêneros textuais não são estanques e limitados, pelo contrário, estão em constante mobilidade, adaptando-se às novas formas de comunicação da leitura e da escrita em seu uso social.

Até a elaboração dos PCNs, a maioria dos livros didáticos restringia-se à apresentação de textos narrativos e poesias fragmentadas, levando o aluno a se deter em análises gramaticais e a percorrer um caminho, previamente determinado, dentro do texto. A leitura de poemas na sala de aula, por exemplo, era feita mecanicamente para o ensino das rimas, do número de estrofes, da métrica e dos versos, o que levava o aluno ao desinteresse por este gênero textual, pois não lhe era permitido degustar e apreciar a musicalidade e os múltiplos sentidos que a poesia poderia transmitir.

Deste modo, cabe ao professor oferecer a leitura da poesia, bem como dos demais textos, para que seus alunos sejam capazes de produzir e ler os diferentes gêneros textuais de forma mais espontânea e prazerosa, podendo, assim, sentir o deleite proporcionado pela leitura, interessando-se por outros textos e, então, acrescentá-los à sua experiência enquanto leitor.

Para Marcuschi (2003), os gêneros textuais são apreendidos no curso de nossas vidas, como membros de alguma comunidade, e são padrões comunicativos socialmente utilizados, que funcionam como uma espécie de modelo comunicativo global que representa um conhecimento social localizado em situações concretas, devido ao papel que a escrita desempenha em nossa sociedade: nas tarefas do dia a dia, no comércio, na indústria, produção do conhecimento, entre outros. Assim, fica evidente que todo esse contexto tende a diversificar de maneira acentuada, as formas textuais utilizadas.

3 O TEXTO POÉTICO NA SALA DE AULA

O gênero poema ou, simplesmente, poesia, oferece múltiplas possibilidades de leitura, por perpassar vários gêneros, por trabalhar a subjetividade. No entanto, faz-se necessário refletir sobre como esse gênero tem sido abordado em sala de aula e, se tem contribuído realmente para a elevação do indivíduo. Este é um dos desafios que muitos professores encontram no cotidiano da sala de aula: trabalhar com o texto poético, sendo inúmeras as justificativas para o seu não uso, onde se aponta desde a ausência de motivação e desinteresse dos alunos em ler o referido tipo de texto, à falta de conhecimento e a formação dos professores para desenvolver propostas com a poesia.

Para vários autores tais como Pinheiro (2002), Micheletti (2001), Frantz (1997), Cunha (1986), entre outros, que investigam as dificuldades que os alunos possuem de ler e interpretar estes textos, tais dificuldades não acontecem só pela falta do conhecimento prévio, mas também pelo pouco contato que eles têm com a poesia.

A este respeito, Banberger (1986), advoga que:

Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce (BANBERGER, 1986, p.56).

Assim, entende-se que o professor pode contribuir ou não para desenvolver o gosto pela leitura. No entanto, para que isso ocorra, este professor precisa ser, sobretudo, um bom leitor.

Sabido de que a poesia é um dos gêneros literários que se tornam cada vez mais distantes da sala de aula, é preciso descobrir uma forma de aproximar as crianças e os jovens da poesia. E essa forma de familiarização e aproximação deve ser feita com parcimônia e através de um planejamento para evitar as várias afirmações negativas sobre o poema como, por exemplo, de que os mesmos são de difíceis interpretações e entendimento.

Assim, percebe-se que a poesia não é de difícil interpretação, apenas necessita de mais cuidado e atenção para que ocorra um entendimento a respeito da mesma. Desta forma, a aprendizagem da interpretação da poesia compreende o

desenvolvimento de coordenar conhecimentos dos vários sentidos que um texto poético proporciona.

Uma forma para melhorar a aprendizagem dos alunos é a aproximação constante da poesia com os mesmos, a partir de seu conhecimento prévio, uma vez que este engloba o saber linguístico, que abrange desde o entendimento sobre o uso da língua, sobre o texto, no que se refere às noções e conceitos, até o conhecimento de mundo, que é adquirido informalmente através das experiências, do convívio numa sociedade, cuja ativação, no momento oportuno, é também essencial à compreensão de um poema. Esses fatores levarão o aluno a fazer uma produção mais coesa e coerente (ELIAS, 2003).

Se estes conhecimentos não forem respeitados, o entendimento e a compreensão do poema podem ficar prejudicados e, conseqüentemente, também será de difícil interpretação, o que ocasionará dificuldades na produção textual dos alunos.

É necessário ressaltar, nesse contexto, que o professor deve partir de uma leitura poética do mundo, fazendo da poesia motivo de apreciação lúdica e de motivação para a produção de intertextualidade e de muitas outras formas de criar com seriedade, mas brincando com palavras.

Segundo Elias (2003, p. 11), “vivemos rodeados de poesia”, ou seja, poesia é tudo que nos cerca e que nos emociona quando tocamos, ouvimos ou provamos, poesia é a nossa inspiração para viver a vida. Desse modo, devemos cada vez mais aproximar os nossos alunos dessa arte que tem como elemento principal a palavra.

Ainda de acordo com o autor (2003, p. 101), “ser poeta é um dom que exige talento especial. Brincar de poesia é uma possibilidade aberta a todos”. Assim, percebe-se a importância de usar esta ferramenta como instrumento motivador nas aulas, a fim de melhorar as habilidades da escrita e da leitura.

3.1 A poesia (o poema) como instrumento de motivação

Ao longo da discussão que está sendo desenvolvida, já buscamos deixar clara a importância de usar a poesia¹ como instrumento motivador de metodologias mais dinâmicas e eficazes, junto ao duplo processo de leitura e escrita. De fato, muitas são as perspectivas que advêm desse processo. Mas, afinal, o que denominar poesia? O que denominar de poema? Há diferença nessas nomenclaturas?

É bom destacar a diferença entre poema e poesia. Apesar de serem tratadas por muitos como sinônimos, o uso dos dois termos, entre os estudiosos, apresenta diferenças. Para Ferreira (1993), a poesia possui caráter do que emociona, toca a sensibilidade e sugere emoções por meio de uma linguagem. O poema, por sua vez, se caracteriza como uma obra em verso em que há poesia.

Se o poema é um objeto empírico e se a poesia é uma substância imaterial, é que o primeiro tem uma existência concreta e a segunda não. Ou seja, o poema, depois de criado, existe por si, em si mesmo, ao alcance de qualquer leitor, mas a poesia só existe em outro ser, primariamente, naqueles onde se encrava e se manifesta de modo originário, oferecendo-se à percepção objetiva de qualquer indivíduo; secundariamente, no espírito do indivíduo que a capta desses seres e tenta, ou não, objetivá-la num poema; terciariamente, no próprio poema resultante desse trabalho objetivador do indivíduo-poeta (LYRA,1986).

O poema destaca-se imediatamente pelo modo como se dispõe na página. Cada verso tem um ritmo específico e ocupa uma linha, onde o conjunto de versos forma uma estrofe e a rima pode surgir no interior dessa estrofe. A organização do poema em versos pode ser considerada o traço distintivo mais claro entre o poema e a prosa, que é escrita em linhas contínuas, ininterruptas.

Na realidade, diz-se do poema uma composição em verso, cuja beleza e sensibilidade enunciam o caráter emotivo deste gênero textual. Da poesia, podemos dizer que se coloca num mesmo significado semântico, pois, trata-se de uma composição poética de pequena extensão.

3.2 O poema na sala de aula: perspectivas

¹ Vale salientar que, apesar da distinção que será estabelecida no presente trabalho, ambos os conceitos serão considerados sinônimos.

Uma das grandes dificuldades encontradas na escola, como dito anteriormente, é a leitura e produção de textos. No entanto, sabemos que a leitura, sobretudo de poesia, é uma arte de fundamental importância porque ela estimula a fantasia, a imaginação, abrigo-se em nossa memória e nos levando para momentos incríveis de encantamento, de alegria e diversão. Além disso, ela pode ser trabalhada em todas as séries do ensino fundamental, ou médio. O emprego da poesia na sala de aula pode instigar no aluno a criatividade e o gosto pela leitura, pois ela apresenta paradigmas de alta criatividade, de diferentes modos de trabalhar a linguagem, de explorar imagens e sons diferenciados e significativos.

De acordo com Smith (1989):

A leitura sempre envolve uma combinação de informação visual e não-visual. Ela é uma interação entre o leitor e o texto (...) quanto mais informações não-visuais um leitor possui, menos informação visual necessita. Quanto menos informação não-visual estiver disponível por detrás dos olhos, mais informação visual será necessária (SMITH, 1989, p. 86).

Através do estudo literário de situação de produção; de temática e elementos constitutivos de cada gênero; marcas linguísticas; intertextualidade, entre outros elementos, o aluno poderá identificar-se enquanto sujeito social, histórico e cultural, capaz de transformar a própria realidade com as encantadoras estruturas da linguagem.

Com o uso das poesias/poemas, conseguimos adentrar no universo da imaginação, da cultura de cada um dos alunos, de sua realidade, a qual através da utilização de recursos metodológicos e linguísticos, e da utilização das características do poema/poesia, bem como da utilização das figuras de linguagem, dos versos, estrofes, ritmos, rimas, repetição, sonoridade, diferentes combinações de rimas, sentido próprio e figurado, e da intertextualidade, possibilitamos-lhes conhecerem melhor esse universo poético, tornando-os sujeitos de suas próprias produções.

Desta forma, podemos avaliar o ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, como a prática pedagógica resultante da junção de três elementos: o

aluno, as informações com os quais se opera nos métodos de linguagem e a avaliação do professor. De acordo com os PCNs (1998):

O primeiro elemento dessa tríade – o aluno – é o sujeito da ação de aprender, aquele que age com e sobre o objeto de conhecimento. O segundo elemento – o objeto de conhecimento - são os conhecimentos discursivo-textuais e linguísticos implicados nas práticas sociais de linguagem. O terceiro elemento da tríade é a prática educacional do professor e da escola que organiza a medição entre sujeito e o objeto do conhecimento (PCNs, 1998, p. 22).

Com isto, acredita-se que pode se tornar mais prazeroso o estudo para ambos, de forma que o aprender pode se tornar mais atraente, a medida que o aluno se sente ajustado pelas atitudes e métodos de motivação em sala de aula, pois o trabalho do professor em sala de aula, e sua interação com os alunos são expressos pela afinidade que ele tem com o meio social e com a cultura.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Metodologia utilizada

Sabendo que o poema/poesia exerce um admirável papel na construção da personalidade tanto da criança quanto do jovem, pois desenvolve no indivíduo a sensibilidade estética, a imaginação, a criatividade, além dos potenciais linguísticos e, tendo em vista que ela é de extrema relevância no ensino fundamental, é sugerido que os professores trabalhem com o contexto poético.

Levando em consideração a proposta de investigar o uso do texto poético como “gatilho” motivador do desenvolvimento das habilidades da leitura e da escrita, fez-se necessário um estudo de caso.

O estudo de caso trata-se de uma abordagem metodológica de investigação especialmente adequada quando procuramos compreender, explorar ou descrever acontecimentos e contextos complexos, nos quais estão simultaneamente

envolvidos diversos fatores. Yin (1994) afirma que esta abordagem se adapta à investigação em educação, quando o investigador é confrontado com situações complexas, de tal forma que dificulta a identificação das variáveis consideradas importantes, quando o investigador procura respostas para o “como?” e o “por quê?”, quando o investigador procura encontrar interações entre fatores relevantes próprios dessa entidade, quando o objetivo é descrever ou analisar o fenómeno, a que se acede diretamente, de uma forma profunda e global, e quando o investigador pretende apreender a dinâmica do fenómeno, do programa ou do processo. Assim, Yin (1994, p. 13) define “estudo de caso” com base nas características do fenómeno em estudo e com base num conjunto de características associadas ao processo de recolha de dados e às estratégias de análise dos mesmos.

4.2 A proposta e nossa discussão: resultados e análises interpretativos

Passemos, neste sentido, à nossa proposta, enquanto propositora de novas e variadas formas metodológicas de motivação para o ensinar e o aprender com os poemas, a proposta de trabalho que foi desenvolvida faz parte de um projeto, como já esclarecido anteriormente, e é voltada para o desenvolvimento da linguagem comunicativa, envolvendo a leitura e análise de textos já publicados, linguagens textuais e gramaticais, pesquisas, produção e aprimoramento de texto dos alunos. Este projeto foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental John Kennedy, localizada na cidade de Guarabira – PB, na qual abrange e acolhe alunos do próprio bairro e de bairros vizinhos.

A escola, campo de investigação, possui sete salas de aulas, do 1º ao 5º ano na parte da manhã e do 6º ao 9º ano na parte da tarde, e uma sala de EJA. No entanto, a turma a qual o projeto foi desenvolvido foi a do 6º ano, que se caracteriza como uma turma imperativa, bastante numerosa, contendo quarenta e cinco alunos matriculados e aproximadamente quarenta e dois alunos frequentando, os quais, em sua maioria, apresentava mau comportamento, falta de atenção às aulas e desmotivação.

Faz-se importante destacar que duas aulas foram observadas antes que se desse início ao projeto, que foi aplicado em oito aulas, e desenvolvido, assim, em aproximadamente um mês.

Inicialmente, o referido projeto foi aplicado de forma lúdica, apresentando a poesia “Convite” (Anexo 1), de José Paulo Paes (1991). Com esse texto, pudemos explorar o conhecimento prévio dos alunos sobre esse gênero, uma vez que o texto convida os leitores a mergulharem no mundo da poesia e mostra que a mesma é uma forma prazerosa de aprender, tal como o ato de brincar. No entanto, com uma diferença primordial que, além de mexer com a nossa imaginação, ela acrescenta conhecimento e que a poesia é capaz de nos renovar, mostrando um mundo cheio de diversidades e criatividade.

Na poesia trabalhada, verificamos a presença de um “eu” que não está explícito, no entanto, é detectado pela análise linguística das palavras, uma vez que, em meio ao convite que faz, não somente às crianças, mas também ao leitor em geral, o autor se utiliza de uma linguagem simples, que faz parte do cotidiano infantil, assim como ainda faz, em alguns casos, parte do cotidiano adulto.

A este respeito, Paes (1991) advoga que:

Poesia é brincar com palavras, como se brinca com bola, papagaio, pião. Só que bola, papagaio, pião de tanto brincar se gastam. As palavras não: quanto mais se brinca com elas mais novas ficam. Como a água do rio que é água sempre nova. Como cada dia que é sempre um novo dia. Vamos brincar de poesia? (PAES,1991, p.20).

Esta poesia convida as crianças a conhecer o mundo do sensível, da emoção e faz comparações com o ato de brincar, procurando cativar o leitor pelo prazer, despertando emoções e recriando um universo de magia e encantamento, ideal pra crianças do fundamental, que ainda gostam muito de brincadeiras. Já as brincadeiras tratadas pelo poema, fazem parte da realidade de muitos deles.

Uma das características da literatura infantil é a *assimetria*, um desequilíbrio entre autor e leitor, resultante da diferença de idade, experiência, conhecimento de mundo e poder entre o autor, adulto, e o leitor, criança, ao menos, em princípio. No entanto, a assimetria pode ser reduzida, caso o texto seja feito por um adulto sem

que haja a imposição de um discurso. Esse fato se dá por meio da aproximação entre o narrador e o leitor através de um discurso mais parecido com o da criança.

A poesia “Convite” de José Paulo Paes apresenta um discurso próximo à criança, uma vez que o autor abre mão da posição de adulto detentor da verdade e merecedor de todo o respeito, para, utilizando-se de palavras que fazem parte do universo infantil, transmitir uma mensagem.

Assim, ao ler esta poesia, fica fácil verificar o exposto por meio das palavras bola, papagaio, pião, brincar, entre outras, que Paes (*op. cit.*) vai construindo uma metáfora de poesia e transmite a mensagem de incentivo à leitura da poesia, pois o poema sugere que, assim como é bom e natural brincar, também é ler e fazer poesia.

Após a realização da leitura desta poesia, levamos figuras que ilustravam crianças brincando e foi realizada uma dinâmica, onde cada aluno recebeu a imagem de uma brincadeira, para que fizesse uma análise da mesma, expressando oralmente, sua percepção. Feito isso, o aluno iria anexar a imagem no cartaz que continha a região brasileira a qual ele julgava que aquela brincadeira fazia parte.

Tal atividade teve o intuito de explorar e comparar a alegria promovida por elas no ato de brincar, associadas com o de escrever, bem como a interdisciplinaridade, explorando a cultura das brincadeiras regionais do Brasil.

Nesta perspectiva, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (2002):

[...] É importante enfatizar que a interdisciplinaridade supõe um eixo integrador, que pode ser o objeto de conhecimento, um projeto de investigação, um plano de intervenção. Nesse sentido ela deve partir da necessidade sentida pelas escolas, professores e alunos de explicar, compreender, intervir, mudar, prever, algo que desafia uma disciplina isolada e atrai a atenção de mais de um olhar, talvez vários. Explicação, compreensão, intervenção são processos que requerem um conhecimento que vai além da descrição da realidade, mobiliza competências cognitivas para deduzir, tirar inferências ou fazer previsões a partir do fato observado (PCNs/Ensino Médio. Brasília: MEC, 2002, p. 88-89).

Este, então, foi o nosso primeiro passo, de forma dinamizada e interdisciplinar, a fim de manter um primeiro contato dos alunos com esse gênero textual.

Posteriormente, foi realizado o estudo com a poesia “Cidadezinha Qualquer” (Anexo 2), de Carlos Drummond de Andrade (1930), poema esse que tem o poder de despertar a nossa imaginação e nos fazer recriar o espaço nela retratado.

Esta poesia faz parte dos poemas interioranos de Drummond, tal como “Confidência do itabirano”, trazendo a vida do autor em seu ambiente familiar, a fazenda mineira. Fica evidente certa ironia no texto, os três primeiros versos lançam imagens belas, naturais (Bananeiras, laranjeiras, amor, pomar, etc.), que evocam a vida na roça, de uma maneira romântica. As três estrofes que seguem já passam a ideia contrária, lançando luz sobre figuras prosaicas (homem, cachorro, burro) e se utilizando da repetição para causar efeito de monotonia. O penúltimo verso ainda repete a palavra “devagar”, reforçando a monotonia com as reticências, que parecem representar algo interminável. O verso final leva ao ponto máximo do deboche, confirmando a intenção irônica do autor: “*Eta vida besta [essa da roça], meu Deus*”.

Partindo desta análise, buscamos explorar a criatividade, a expressão artística e a leitura de mundo dos alunos, através da produção de um desenho, no qual eles retratariam o entendimento que tiveram com a leitura e a análise do texto em foco:

Casas entre bananeiras mulheres entre laranjeiras, pomar amor, cantar. Um homem vai devagar. Um cachorro vai devagar. Um burro vai devagar. Devagar... as janelas olham. Eta vida besta, meu Deus (DRUMMOND, 1930).

O poema de Drummond foi escolhido por ser um poema simples, pequeno, mas com muito a explorar, como a questão estrutural, as rimas e a metrficação, por exemplo. Preferimos continuar na brincadeira e estimulá-los a exercitar outro tipo de leitura, a leitura das imagens. Sugerimos, ainda, que os alunos recriassem através de uma ilustração, aquilo que retratava o poema, aprimorando, além da parte linguística, as outras habilidades como percepção e coordenação motora.

Nesse contexto, permitimos que eles soltassem a imaginação e se envolvessem no cotidiano proposto pelo poema, expressando, através da ilustração, suas emoções, pensamentos e liberdade de pensar e criar, tendo o desenho como

uma ferramenta importante nesse processo, uma vez que este se tornou um motivador da aprendizagem.

Nestas duas aulas, contamos com a participação do professor, poeta e artista plástico, Elias dos Santos, um artista polivalente, que vem engrandecendo, nas últimas décadas, o cenário artístico-cultural do município de Guarabira. Sua participação despertou, de forma notória, o interesse dos alunos pelas técnicas de desenhos e criação de personagens ensinadas pelo artista.

Neste contexto, consideramos que o desenho é a primeira representação gráfica utilizada pelas crianças e o ato de desenhar é uma atividade inteligente de representação que põe forma e sentido ao pensamento e ao conteúdo que foi assimilado. O desenho é ferramenta essencial do processo de desenvolvimento da criança e não deve ser entendido como uma atividade complementar, ou de divertimento, mas como uma atividade funcional. Em outras palavras, consiste em usar o desenho como procedimento para sistematização dos conteúdos nas áreas do conhecimento.

Para Montenegro (2004), a criatividade pode ser definida como o somatório da imaginação, realização, expressão e construção. A infância é considerada, por todos, uma fase feliz, sendo nesse momento, que se criam novos mundos, a partir de desenhos ou de modelagem plástica. Desta forma, o desenho leva ao raciocínio criativo e intuitivo.

Sendo assim, começamos a inferir que a poesia, bem como o desenho, podem trazer e expressar nossos sentimentos, uma vez que nos permitimos lançar um olhar sobre as coisas simples do nosso cotidiano. Nesta ocasião, todos nós poderíamos construir também lindos poemas.

Nas duas aulas seguintes, foram abordadas as técnicas de produção. O objetivo era que os alunos conhecessem a estrutura do poema e acrescentassem novos conhecimentos. Foi importante planejar uma explicação clara e de forma simples, para que eles pudessem entender e aguçar a vontade de produzir tais textos.

Depois de passar pela fase de apresentação e de explanação do conteúdo, era chegada a hora da avaliação e ver o que eles apreenderam sobre a poesia.

Levamos duas imagens (Anexo 3) para que eles pudessem produzir um texto através do que eles estavam vendo o qual retratassem a emoção que passavam.

Com base na interpretação da imagem, pedimos que em grupo, os alunos tentassem criar seus próprios textos poéticos (Anexo 4), retratando a temática abordada e compreendida por eles, através da tela.

Tendo, portanto, como referência todo o percurso metodológico desenvolvido, bem como seus novos conhecimentos e a sistematização dos conteúdos aplicados, os alunos, coletivamente, atuaram de forma interativa na realização da atividade proposta, sem apresentar grandes dificuldades; pelo contrário, se mostraram seguros e criativos, durante a realização do trabalho, atuando, assim, como sujeitos de suas próprias produções.

No geral, pode-se considerar que o resultado foi satisfatório devido à grande receptividade por parte dos alunos, visto que, ao longo das demonstrações dos textos, atividades e dinâmicas referente ao assunto e a conclusão da atividade, demonstraram interesse pela leitura e a escrita apresentada por outro colega, solicitando a troca das respectivas obras e partilhando impressões de leitura. Também, pode-se obter a aprovação e o reconhecimento da professora da escola por esta atividade, sobre a qual despertou a iniciativa de dar continuidade em outras turmas. Foi possível averiguar, ainda, que em muitas ocasiões as percepções e interpretações dos alunos foram notáveis, pois conseguiram participar relacionando os temas discutidos com fatos da atualidade, regionais e, até mesmo, com situações pessoais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final deste breve estudo, com a certeza de que esta temática nunca será esgotada em sua essência, isto porque não é possível esgotar o inesgotável. De fato, apenas a título de conclusão, temos por afirmar que para formar o gosto pela leitura, entre crianças e jovens, é preciso que se trabalhe de modo planejado, jamais aleatoriamente.

Ter conhecimento de vários estilos de textos, de vários temas, de várias possibilidades de trabalho com a linguagem é uma necessidade dentro do arsenal metodológico do professor. Se a escola faz um trabalho de leitura de poesia desde as séries iniciais, certamente, tem boas chances de despertar interesse pela poesia e formar o gosto pela leitura.

Do diagnóstico levantado, ficou claro que os poemas trabalhados juntamente com os alunos, trouxeram grandes contribuições, pois estimularam a fantasia e a imaginação dos alunos. Tal característica lhes permitiu o sentimento de identidade de “seres pensantes”, através de brincadeiras, imagens e com o próprio texto; notamos uma mudança satisfatória neles, no que diz respeito à compreensão do gênero; eles conseguiram escrever uma poesia, quando antes não tinham noção, não conseguiam elaborar grandes frases.

A partir da atividade proposta e desenvolvida, os alunos participantes foram capazes de elaborar seus próprios textos, e compreender que a poesia/poema vai muito além do que eles pensavam. Além disso, conseguiram com fazer interpretações tanto verbais como não-verbais e, mais, conseguiram se expressar de forma coesa e demonstrar interesse pela leitura e produção de novos textos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de Português: encontro & interação*, - São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (série Aula 1).

BANBERGER, Richard. *Como incentivar o hábito de leitura*. 2.ed., São Paulo: Ática, 1986.

BAZERMAN, Charles. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

ELIAS, José. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LYRA, Pedro. Conceito de Poesia. São Paulo: Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio (no prelo). Gêneros Textuais: Constituição e Práticas Sociais. (A sair pela Editora Cortez, de São Paulo), 2003.

MONTENEGRO, Gildo A. A Invenção do Projeto: a criatividade aplicada ao desenho industrial, arquitetura, comunicação visual. São Paulo: Edgard Blücher, 2004

PAES, José Paulo – *Coletânea Poemas, Olimpíadas de Português – in Poemas para brincar*. São Paulo: Ática, 1991.

SMITH, Frank; *Compreendendo a leitura: uma análise Psicolingüística da leitura e do aprender a ler*, trad. Daise Batista. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

LAJOLO, Marisa. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. São Paulo: Ática, 1998.

PINHEIRO, Helder; BANBERGER, Richard. *Poesia na sala de aula*. 2ª ed., João Pessoa: Idéia, 2002.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.). *Leitura e Construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. (coleção aprender e ensinar com textos, v.4)

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 2ª ed. Ijuí: Unijuí, 1997.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: Teoria & Prática*. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1986.

YIN, Robert (1994). *Case Study Research: Design and Methods* (2ª Ed) Thousand Oaks, CA: SAGE Publications

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: Ministério da Educação, 2002.

Outras fontes bibliográficas:

<http://www.slideshare.net/23568921/pcn-portugues>

http://discutindoanossalinguapo.blogspot.com.br/2009/10/releitura-do-poema-cidadezinha-qualquer_08.html

<http://literainfanto.blogspot.com.br/2010/05/convite-jose-paulo-paes.html>

Anexos

ANEXO 1 – Poesia “Convite”, de José Paulo Paes (1991).

Poesia

é brincar com palavras
como se brinca
com bola, papagaio, pião.

Só que

bola, papagaio, pião
de tanto brincar
se gastam.

As palavras não:

quanto mais se brinca
com elas
mais novas ficam.

Como a água do rio
que é água sempre nova.

Como cada dia
que é sempre um novo dia.

Vamos brincar de poesia?

ANEXO 2 – Poesia “Cidadezinha Qualquer”, de Carlos Drummond de Andrade (1930)

Casas entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.

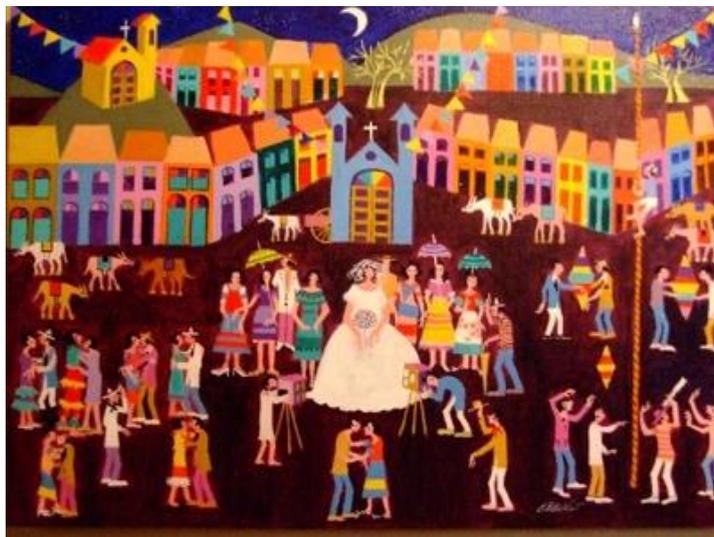
Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

ANEXO 3 – Imagens utilizadas para a interpretação dos alunos.



Fonte da imagem: Google



Fonte da imagem: Google

ANEXO 4 – Produções dos alunos



Texto 1

Nome _____
 Povo
 Povo da gente
 Dançando quadrilhas
 Com músicas de gingaquinhas
 Namorando na Brasileira
 Povo da gente
 Toda arrumada
 Dançando na Praça
 Em cima de um Palco
 Povo da gente
 Como se dança?
 Dançando na Brasileira
 Dançando contente
 Povo da gente
 De sorrisos encantados
 Todos contentes
 Com seu sapateado

Texto 2

São João

Foi numa noite igual a esta,
que tu me destes a coração
o céu estorax em festa
páiz era noite de São João
havia Balões no ar Kate e Luísa
e o encanto do teu olhar incendiou meu coração
estarias a menina mais linda do Salão.

O riacha que tem comida:
pamonha e canjica;
Milho dos dois tipos:
assado e cozido
páiz ninguém pode ficar parado
riacha para o dorco enrolado
Seis todos tem que virer acompanhados

B. B. B. J. John Kennedy
Guarabira 12 / 11 / 12

Texto 3

O Menino sonhador

Um menino que gostava
de banhar-se no rio
A manha inteira ficava
falando alto e sozinho
aos peixes e baratas
Ah menino, você podia
reencontrar sua mãe
o seu irmão ausente
o seu pedido realizado
enfuma de amor
e perto desse rio
onde a viola continua
com espelhos de espelhos

Poema ♡

Comida vontade
Gente dançando
E o forró relando
Como você, também
vai dançar
E o forró não para de rolar
Porra forró você quer dançar?
Quero, quando vamos começar?

E deixando o forró rolar
Arrastar até o dia rolar
E gente pra todo lado sem deixar
o forró parar...
E gente dançando e deixando
A freira rolar
Se tu não sabes dançar
Pelo menos tente me acompanhar!!!!

